

## LAMENTAÇÕES DE OTÁVIA

(PSEUDO-SÊNECA, *Otávia*, 1-33; 57-71; 86-98; 222-250;  
899-926; 960-983)\*

A refulgente Aurora já afugenta do céu 1  
os astros errantes; surge o Titã  
de coma radiosa e traz o dia claro  
de volta ao mundo.

Tu que foste oprimida por tantos males, anda! 5  
Repete as lamentações que já te são costumeiras  
e vence as alcíones dos mares.  
Vence também as aves de Pandíon,  
pois que tua sorte é mais acabrunhante que a delas.  
Ó minha mãe, que sempre serás pranteada por mim, 10  
causa primeira de minhas dores!  
Se algum sentimento permanece nas sombras,  
ouve as tristes lamentações de tua filha!  
Oxalá que Cloto, com sua mão senil,  
tivesse rompido os fios de minha vida 15  
antes que eu visse, chorando, teus ferimentos  
e teu rosto espargido de sangue hediondo!  
Ó luz, sempre funesta para mim,  
desde aquele tempo,  
reluzes mais odiosa do que as trevas. 20  
Suportei as ordens da cruel madrasta,  
seu ânimo hostil, seu rosto ameaçante.  
Foi ela, foi ela que, como triste Erínia,  
trouxe tochas do Estige para minhas bodas  
e extinguiu a tua vida, desgraçado pai, 25  
a quem há pouco o mundo obedecia  
além do Oceano,  
de quem fugiram os britanos

até então desconhecidos de nossos comandantes  
e senhores de si. 30

Ai de mim, ó meu pai! Pela perfídia de tua esposa,  
estás morto. Tua casa se tornou escrava  
com tua prole sujeita a um tirano. 33

[...]

Ó fortuna minha, que nunca será igualada 57  
a nenhum outro mal! É preciso  
que eu lembre teu luto, Electra!

A ti, desventurada, te foi permitido deplorar 60  
o pai assassinado  
e castigar o crime por meio do irmão vingador,  
que tua dedicação arrancou do inimigo  
e que tua fidelidade ocultou.

A mim o temor me impede de chorar meus pais, 65  
arreatados por sorte cruel,  
e me proíbe de prantear a morte de meu irmão,  
no qual estava minha única esperança,  
a efêmera consolação de tantos males!

Preservada até agora para as minhas dores, 70  
subsisto como a sombra de um grande nome. 71

[...]

Mais facilmente eu venceria os leões ferozes 86  
e os tigres selvagens  
do que o duro coração do tirano cruel.

Ele odeia os que são filhos de um sangue nobre, 90  
despreza os deuses e ao mesmo tempo os homens  
e não comanda a própria sorte que a mãe nefanda  
lhe ofereceu por meio de um crime desmesurado.

Mesmo que o ingrato se envergonhe  
de ter recebido o poder como um presente  
de sua sinistra mãe, 95  
mesmo que tenha retribuído tão grande dom  
com a morte, a mulher levará esse título de honra  
para além do túmulo, por todos os tempos. 98

[...]

Os mares bravios se unirão aos astros 222  
e o fogo às ondas, o pólo ao triste Tártaro,  
a luz criadora às trevas, os dias à noite úmida,  
antes que ao espírito ímpio de um cônjuge criminoso 225  
se una meu espírito, que traz a lembrança do irmão extinto.  
Oxalá se apreste, para destruir com chamas  
a cabeça terrível do príncipe nefando, aquele que rege  
os deuses, que sacode freqüentemente a terra  
com raios ameaçadores e aterroriza nossas mentes 230  
com fogos sagrados e prodígios novos: vimos no céu um clarão  
ardente, um cometa a estender sua luz nefasta  
no lugar em que o Boieiro indolente, enrijecido  
pelo frio da Ursa, dirige sua carreta na volta eterna da noite.  
Eis que o próprio ar se contamina com a respiração 235  
odiosa do soberano cruel; os astros prenunciam novas guerras  
aos povos que o ímpio tirano governa.  
Outrora a Terra geradora, desdenhando Júpiter,  
engendrou o gigante Tífon, que não era tão feroz.  
Este flagelo é mais opressor do que aquele! Inimigo dos deuses 240  
e dos homens, ele expulsou as divindades de seus templos  
e os cidadãos da pátria, arrancou a vida do irmão,  
derramou o sangue da mãe - e ainda vê a luz,  
goza da vida e arrasta consigo seu espírito culpado!  
Ó pai supremo, por que lanças teus dardos invencíveis

tantas vezes à toa com tua mão real?	245
E por que tua destra se paralisa diante de um ser tão culposo?	
Oxalá possa merecer o castigo de seus crimes	
esse Nero de adoção, filho de um pai Domício,	
tirano de um mundo que ele esmaga com seu jugo vergonhoso,	
conspurcando o nome de Augusto com a infâmia dos costumes.	250
[...]	
Para onde me levais? Que exílio	899
o tirano e a rainha me impõem	900
se é que, abrandada, ela me poupa a vida,	
tocada por minhas desventuras?	
Se, ao contrário, se apronta	
para coroar com a morte meu longo sofrimento,	
por que me impede, cruel, de morrer em minha pátria?	905
Já não existe, na verdade, nenhuma esperança de salvação;	
vejo, desgraçada, o barco de meu irmão.	
Em seu bojo foi um dia levada a genitora;	
agora, expulsa do tálamo,	
sou eu arrastada, a desgraçada irmã.	910
A Piedade já não tem nenhum poder;	
os deuses não mais existem. A triste Erínia	
reina no mundo.	
Quem poderia chorar meus males condignamente?	
Que rouxinol faria justiça a minhas lágrimas	915
com sua lamentação? Oxalá suas asas	
conduzissem o destino desta infeliz!	
Arrancada, então, de minha dor, poderia fugir	
para longe com as plumas da ave, deixando o triste	
convívio humano e a fera morte.	920
Sozinha, num bosque deserto, suspensa	

a frágil ramo, poderia, da garganta queixosa,  
deixar escapar um murmúrio triste. 925  
Eis que a mim também me envia o tirano selvagem 926  
para as tristes sombras, para os manes.

[...]

Por que, desventurada, me retardo em vão? 960  
Arrebatai-me para a morte, vós,  
a quem a Fortuna concedeu direitos sobre mim.  
Chamo os deuses por testemunhas. Mas que fazes,  
insana? Abstém-te de pedir pelo poder dos deuses  
para os quais és odiosa. Chamo o Tártaro 965  
por testemunha; e as deusas do Érebo,  
vingadoras dos crimes; e a ti, meu pai,  
digno de tal morte e de tal castigo.  
Esta morte não me é odiosa.  
Preparai o navio; confiai as velas ao mar 970  
e aos ventos; e que se dirija o piloto do barco  
às praias da ilha de Pandatária.

CORO

Ventos suaves e zéfiros leves,  
que, outrora, numa nuvem etérea,  
levastes escondida Ifigênia, 975  
arreatada do altar da virgem,  
levai esta aqui também para longe do castigo,  
eu o peço, para junto dos templos de Trívia.  
Áulis é mais clemente que nossa Cidade,  
bem como a bárbara terra dos tauros: 980

lá é com o sangue dos forasteiros  
que se torna propício o poder dos deuses;  
Roma se compraz com o sangue de seus filhos. 983

### NOTA

- \* Tradução feita a partir do texto estabelecido por Léon Herrmann (SÉNÈQUE. *Tragédies*. PSEUDO-SÉNÈQUE. *Octavie*. 3<sup>e</sup>. tir. Paris, Les Belles Lettres, 1967). A tradução é parte da Pesquisa intitulada *O drama histórico no mundo romano e seus desdobramentos*, realizada com recursos oferecidos pelo CNPq, pelos quais reiteramos nossos agradecimentos.

ZELIA DE ALMEIDA CARDOSO  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo